



Comunicação em nove capítulos

Capítulo dos desabafos

O que posso dizer sobre a escrita dramática contemporânea em Portugal, tem a ver sobretudo com a minha experiência no Teatro da Garagem. É um facto, que existem autores que, de forma mais ou menos regular, produzem obras dramáticas cuja divulgação é quase nula, é a que ainda mais raramente temos acesso na sua forma ambicionada, ou seja, na cena. Não existe a tradição de escrever e representar o teatro escrito. Os exemplos esporádicos que surgem são mal acompanhados, mal-amados, sem terem o benefício crítico adequado ao amadurecimento dos dramaturgos e fazedores da cena; sem tempo, sem oportunidade e sem conselho. Difícilmente pode desenvolver-se uma escrita teatral se não for representada, trabalhada pelas outras escritas do teatro, pela escrita dos actores, dos encenadores, dos cenógrafos, dos produtores, dos actores, e testada pelos públicos.

Capítulo empolgado

A cultura encontra a sua razão de ser, a sua identidade, progressivamente. O tea-

tro é uma cultura de frutos efémeros; a escrita do dramaturgo uma árvore possível. Em Portugal continua a privilegiar-se um teatro de fachada, um teatro pretensamente eficaz de acordo com objectivos essencialmente mercantis ou enfeudados a uma lógica de poder que produz vícios e hábitos cristalizados sob a auréola do prestígio, da coisa civilizada e europeia integrada nos grandes e pequenos circuitos da regência ocidental. Não tenho nada contra, sou consumidor de alguns desses produtos vagamente analgésicos, mas não chega. Penso que é muito fácil enganarmo-nos com a retórica da simplicidade logística, das estatísticas, dos superávits, da propaganda, da eficácia do brilho; é muito fácil enganarmo-nos com a sensação de termos acertado em cheio. Não é assim tão simples nem desejável que o seja, penso que qualquer cultura precisa de um espaço de respiração, de um território de incertezas onde possa definir o seu lugar; qualquer cultura pressupõe a singularidade dos seus entes, a especificidade do seu desenvolvimento, o acaso que lhe presagia os contornos, os defeitos que lhe rematam o sublime, e a adomam de beleza e verdade e cujos benefícios temos de merecer, porque nem a verdade nem a beleza são fáceis, baratas, imediatas, ou permanentes.

Capítulo do Teatro da Garagem

Desde o começo da minha carreira, que senti a necessidade de um colectivo cuja dinâmica pudesse favorecer a gestação de um teatro não apenas enquanto espaço físico de encontro entre criadores e público mas também enquanto fórum veiculador de ideias, de sentimentos, de pulsões, numa dinâmica que favorecesse a reflexão sobre o tempo e o lugar das pessoas envolvidas; num certo sentido entendi teatro como a matéria privilegiada de encontro entre pessoas com múltiplas actividades, disciplinas, credos, com formação específica noutras artes. O teatro seria o polarizador desse debate que em última instância sedimentaria um conhecimento abrangente, possibilitaria luz e reserva moral para futuros desafios noutros teatros, noutras circunstâncias. Cada peça, o texto, a palavra, surgia como cristalização desses pensamentos emergentes e das sensibilidades envolvidas no processo; de facto, não me considero um escritor no sentido oficial e solitário que a palavra implica; escrevo com os outros na imprecisão que resulta de estar com os outros, nessa solidão que deriva dos compromissos; escrevo as

palavras ditas, pensadas, experimentadas, lambidas. Sinto o teatro como um sinónimo da vida desorganizada e orgânica, não sistemática, da vida dos segredos, da sublimação do banal; a partir do teatro podemos compreender que compreendemos porque somos obrigados a isso, sob pena de nos tornarmos mesquinhos ou fúteis: revisito o teatro com estes ideais vagamente platónicos, fazendo do teatro as sombras de inquietações e desejos, fazendo do teatro uma luz sombria e envolvente. Com os outros, os comungantes da fé perdida, com os companheiros de aventura, tem sido possível estabelecer algumas directrizes, apontar alguns focos, em resumo aprofundar um projecto. Neste projecto, a que chamámos Teatro da Garagem, a escrita surgiu quase por acidente, na ânsia de recolher, de fixar as informações resultantes dos improvisos em que juvenilmente procurávamos o encadeamento de uma verdade; a escrita ia-se esboçando, no estilo, na forma e nos conteúdos. O director de actores e o encenador, socorriam-se desses textos breves, incipientes, alusivos, com âncoras e faróis para a sua navegação. E pouco a pouco, a palavra foi ganhando poder, importância cada vez mais decisiva na estruturação dos nossos impulsos. Apercebiamos-nos então de que tínha-

mos algo para dizer, que nesse acto incontornável da existência, uma poesia se esboçava, teatral no seu acontecer conflituoso, filsofante no seu logos impreciso, metafórica na sua abrangência.

Capítulo sobre o que dizemos

Dizíamos, implicados até à ponta dos cabelos, muito concentrados na mensagem, num delito de implicações graciosas, nessa doença de desamparos, em que falando do mundo, este nos estreitava nos braços a ponto de ficarmos tatuados nele, repetidos, ditos. Havia então uma espiritualidade, uma fé, e uma certa manha, capaz de nos retirar ilesos deste jogo perigoso, que inevitavelmente tínhamos de jogar, se quiséssemos aceder a outras razões mais reveladoras que não as da rotina inócua. Ironicamente estabelecíamos as nossas próprias rotinas, as nossas convenções e daí extraímos talvez o maior ensinamento de arte: a do não acomodamento, o da inquietação e desestabilização; do teatro enquanto contra-poder, até contra nós mesmos; nesses lance de ironia que percorríamos degrau a degrau na escada pouco cómoda do discurso, nesse sobe-e-desce desconcertante, íamos retirando algumas conclusões e alguma placidez.

Capítulo sobre os hábitos

A maior parte das peças que surgiram, surgiram sempre de apostas, de desafios postos por acaso, ao saber de intempéries filosóficas. Eram desafios robustos. Irreverentes, procurávamos ombrear com os grandes, testar a nossa força perversando-a em

desafios imaginários capazes de mitificar a irreversibilidade de que tínhamos medo; encetávamos uma heroicidade que tinha a ver com valores romanescos, caros a uma mentalidade generosa, inocente, triste e sobretudo desfazada de regulamentos opressores, ou de uma qualquer dialéctica objectiva, e suficientemente forte para que a pudéssemos seguir. A solidão tinha a ver com essa consciência de que o grupo nunca poderia escamotear o imperativo de cada um de nós definir as motivações da sua fé.

Capítulo sobre a geração

A minha escrita reflecte uma perspectiva da vivência de uma geração; o Teatro da Garagem, tem sido o balão de ensaio onde as vivências de um grupo de pessoas e o seu empenhamento na procura de delicadeza e de realizações outras que desconheço, acompanharam e determinaram em grande medida a sedimentação de um modo de fazer teatro. A palavra, como o uivo do lobo, que descreve o arco invisível que nos protege de respostas perigosas.

A nossa existência é curta, as peças não são muitas, foram as necessárias. Em cada uma delas identificámos aspectos peculiares, que transitam de peça para peça, e cuja mensagem a pouco e pouco se vai esbatendo não queremos de maneira nenhuma dizer tudo, queremos ir dizendo, sugerindo, com a pressa que acompanha as causas do coração: devagar quando é prazer, pressa quando é desejo. Sugerindo o quê, perguntam? A fascinação que o nosso mundo por ter, na medida em que contribuir para melhorar o mundo dos outros. Assim, glosando a vida no préstimo escasso das causas sem efeito imediato.

Capítulo sobre as boas intenções ou anticapítulo

Julgo que a criação artística não tem obrigatoriamente a ver com boas intenções. Pelo contrário, o exercício de singularidade que possibilita a realização de uma obra de arte tem muito de obsessivo, porventura doentio, na marginalidade e no desespero que acarretam as pequenas revoluções desencadeadas pela obra de arte na observância patatipata do quotidiano. A escrita é momento de confissão e de delírio, de corria e desbravamento; os textos não obedecem a nenhum formato pré-determinado, muitas vezes não obedecem à regra do discurso directo, as personagens e os ambientes são porventura perspectivas de uma mesma coisa essencial — dita, redita, intuída, numa fenomenologia, onde o ser realiza, onde me pacífico e procuro harmonia. Quero caçar partilhar do espírito aventureiro e fiel que sublinha uma relação de desocultação e reverência para com a natureza do mundo. Caçar o bicho de todos os ângulos sem o matar.

Capítulo das peças e das casas

Peças são invenções sucintas sem serem premissórias; as minhas peças são peças de puzzles: elas próprias são puzzles, formando puzzles de que tenho algumas imagens, de que adivinho a forma final, mas não me atrevo a decidir, pois que não há nada a decidir e é minha função apenas estimular decisões. As minhas tomo-as em segredo. Temos então um teatro inacabado? Prefiro dizer um teatro em devir, em transformações sucessivas, com perspectivas e desejos, mas sem a ansiedade desmedida de provar definitivamente o

que quer que seja, embora desmedido às vezes e definitivo na imperfeição — que o sublime deverá ser imperfeito, sugerindo apenas que de tudo o que é possível o desejável pertence às pessoas, seguindo os impulsos de um certo tempo, num certo lugar, onde acontecendo era uma vez as nossas casas, as nossas zonas de abrangência. Casas de nómadas no lugar do mundo, são as casas onde me atrevo a escrever.

Capítulo sobre o 25 de Abril de 1994, ou exemplo de esboço de uma peça possível

Sinto no ar desejos sem móbil específico; sinto que se desenham no ar planos irrecusáveis e que no lapso de um sorriso, de um entreabrir de olhos, entre dois passos sonolentos, viver começa a fazer parte das nossas mais fundas convicções; há coisas que não quero ouvir, há coisas que me custam lembrar, há determinados pensamentos que não quero ter, dar-me-á isso coragem, ousei assim novas empresas?

Ela, a minha personagem, fala para alguém sobre o que eu digo: usa-se, como matéria-prima, por conseguinte abusa e está por isso impaciente; se pudesse trocar de corpo seria um disco voador, ou um microfone. Tudo o que faz pressupõe uma inocência e uma culpa, uma qualidade e um defeito; está por isso preocupado em ascender à arte feliz, tenho pena que precise viver com o peso de todas essas dialécticas convulsivas.

Pergunto eu: onde fico então, onde sobejo, onde permaneço?

Ela não me responde a mim: fala para alguém sobre o que eu digo: talvez não

permaneças, sobejas, ou sequer fiques por não existires; por seres mera ficção ou virtualidade de algo humano desenraizado dos amigos paradigmas; talvez não existas e te nomeiem na funcionalidade que advém do teu ofício de fazedor de personagens. As revoluções que operares estarão previstas no código dos afectos? Talvez o afecto se misture com uma ponta de lucidez e não tornes cínico ou ciumento; talvez sobrevivias a estes hábitos de

comunicar em excesso coisas íntimas; não se comunica a privacidade, não devemos abrir a nossa casa a estranhos, não te parece? Torna exacto o impreciso tempo da aprendizagem e cairás; sente-te egoísta e serás caçador de aplausos; solta as ideias e filarás o afecto; sente a memória febril de Abril e ficarás com a harmonia atrapalhada, a música será repetitiva, riscada dos sons benignos.

Pergunto então: o que é

que se pode fazer quando no distanciamos e continuamos a estar próximos e estamos próximos e distantes; onde estou afinal; deverei adoptar um longotipo que facilmente me identifique? Como é possível querer realmente quando querer pressupõe inúmeras coisas que se não querem; como conciliar o inconciliável: como conviver com os paradoxos sucessivos que a ambiguidade de tudo desperta? Repetir *ad eternum* a mesma prece; o mes-

mo inacabado manifesto de procura, de conciliação, de aproveitamento, de esperança?

Ela responde: a lógica do mundo vive de adormecimentos, de hiatos, de buracos, de relações não especificadas, de faltas e falhas, de omissões, de pedras e perdas; assim se vai colorindo a lógica do mundo; assim o mundo se expressa e se cansa e por tal, assim também, tratarás dos teus recados. ▼